

A OBRA CRÍTICA DE AFRÂNIO COUTINHO

PEDRO PAULO MONTENEGRO

Afrânio Coutinho não é mais escritor ou professor que necessite de apresentação. É nome que se impõe por si mesmo. É modelo. Arvora-se na mente de quem, hoje, lê e pesquisa em literatura no Brasil ou, no estrangeiro, sobre o Brasil. Escapa forçosamente dos lábios de qualquer consciente professor de literatura e até, dos inconscientes que por acaso, num pequeno momento de lucidez profissional, tenham resolvido preparar sua aula.

É que, como crítico e historiador literário, professor universitário, publicista e agitador de idéias nos campos da educação e da literatura, foi incontestavelmente o iniciador da nova crítica no Brasil e — o que é muito mais — o criador de toda uma nova mentalidade no ensino e na apreciação da obra literária.

Como o fez? — Construiu uma obra, diversificada aparentemente em muitos volumes, erigida, porém, dentro de uma unidade que salta aos olhos. Sua obra conjunta, apresenta em determinados momentos o nome de crítica, de *review*, de história literária, de poética, é a obra de crítico literário com fundamento na teoria e técnica literárias. As atividades podem ser diversas. São correlatas e levam a um grande sentido: tratar a literatura como literatura.

No Brasil declarou uma guerra: à improvisação, à mediocridade, ao biscate literário, ao impressionismo inconseqüente. E para manter aceso e cerrado o fogo, teve que ir longe. Sua

contribuição aos estudos literários, arrancou-a, em análise consciente e objetiva, a todas as idades na história do pensamento ocidental. Situou Platão e seus discípulos como fonte de uma crítica externa e Aristóteles e seus seguidores como esteio de uma crítica interna.

Conhece e reconhece valores entre historicistas, psicólogos, sociólogos, biólogos, marxistas, em vários momentos, formando correntes ou escolas críticas, com o grande mérito aliás de terem elas, conclui, “surgidas como reação ao impressionismo subjetivista”, (*Críticas e Críticos*, pág. 36) mas por elas não se deixa convencer porque — é ainda o mestre que fala — “vêem na obra literária somente o resultado de certas forças naturais, e seu interesse está apenas no fato, (fatalismo ou fenomenologismo), isto é, no documento histórico, sociológico ou psicológico, a ser verificado, descrito e rotulado”. (*Idem, ibidem*).

Toma, então, a posição da qual nada e ninguém o arredará, posição que vai constituir a sólida argamassa de suas atitudes em sala de aula, em concursos a cátedras, em colunas de jornais, em obras de menor ou maior porte: “O ideal da crítica é ser tanto quanto possível científica”. “Para desenvolver-se um método científico de aplicação à Literatura — escreve — há que procurar subordiná-lo às determinações do fato literário, objeto peculiar da crítica literária”. (*Idem*, pág. 37). E mais adiante: “O grande mestre da crítica literária científica é Aristóteles, que deixou na *Poética* as normas a serem seguidas no assunto”. (*Idem, ibidem*). E passa o mestre brasileiro a respigá-las: correta observação do fato literário, na sua intimidade; análise de seus elementos com todos os recursos disponíveis; a descrição e classificação desses elementos, isolados ou combinados; o estudo de seus processos de produção e recepção e, finalmente, o julgamento de seu valor. E mestre Afrânio centra exatamente nesta última norma, a diferença entre ciência e crítica. “Sem julgamento, conclui, não há crítica”. (*Idem, ibidem*).

Como vemos, propugna Afrânio Coutinho por uma crítica ergocêntrica, científica (esta última palavra — adverte

— com as ressalvas das conotações perturbadoras). Seus métodos só podem ser peculiares ao objetivo de estudo, métodos estéticos ou literários e não tomados por empréstimo a disciplinas de objetos heterogêneos. Sua obra é como dissemos, a de crítico com fundamento na teoria e na técnica literárias. A característica de sua posição: o caráter estético da literatura que é arte *rítmica* da palavra.

Este ponto de vista Afrânio vem sustentando desde 1948, quando começou a assinar a seção *Correntes Cruzadas* do *Diário de Notícias* e preside sua posição até hoje.

Foram critérios decorrentes desta posição que o nortearam como historiador de literatura, planejando, organizando, coligindo colaborações, participando ativamente em determinados capítulos, sobretudo, escrevendo a Introdução deste monumento de nossa história literária que é hoje “A Literatura no Brasil”, saindo já em 2.^a edição.

Essa Introdução a que nos referimos da autoria exclusiva de Afrânio Coutinho e publicada, em separado, pela Livraria São José, vale por uma Teoria da Literatura. Poucos atingiram como ele aí o faz, o fato literário em si, a periodização literária, as características estéticas de cada momento histórico, a posição exata das obras na Literatura Brasileira.

Ressalte-se que lhe cabe a revalorização do estilo barroco, feita, aliás, primeiro, em tese de concurso para o Colégio Pedro II e, em síntese, reproduzida nessa “Introdução”.

Outra obra de Afrânio que insisto em destacar é *A Tradição Afortunada* incluída na Coleção Documentos Brasileiros, dirigida por Afonso Arinos de Melo Franco, na Editora José Olímpio.

Estuda a formação e o desenvolvimento do espírito de nacionalidade na crítica brasileira. Constitui sua vitoriosa tese no concurso para a cátedra de Literatura Brasileira, na então Faculdade Nacional de Filosofia, hoje Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Faculdade que atualmente dirige. Trata-se de uma história das idéias literárias no Brasil, mas também obra da melhor crítica porque já en-

siñara de há muito, como primeiro princípio, “crítica e história literárias não podem existir separadas”. Tudo, porém, rigorosamente preso à realidade brasileira, outra de suas convicções que enuncia num segundo princípio: “vão é o estudo da literatura, crítica ou histórico, se não se prende a uma realidade”. E mais: É a temática que focaliza como decorrência de um terceiro princípio por ele defendido: “Se a obra literária for dissecada nos seus elementos intrínsecos — enredo, métrica, personagem, estilo, convenções dramáticas, etc., — o tema é outro fato que lhe dá substância específica, sem o qual não existiria como literatura”. (*A Tradição Afortunada*, pág. XXIV). Sua tese, pois: “Estabelecer a fisionomia nacional através das características temáticas” das obras literárias brasileiras, “características temáticas que não podem provir senão do meio geográfico, social e espiritual de que surgem”. (*idem, ibidem*).

Para lisonja e desvanecimento do Ceará, reconhece em capítulos lapidares, a participação ativa e fecunda na formação da nacionalidade literária do Brasil, o pensamento crítico de José de Alencar, de Franklin Távora, de Araripe Júnior, de Capistrano de Abreu, de Adolfo Caminha, os movimentos literários, no Ceará, nas três últimas décadas do século passado, assuntos, aliás, já objeto de outros estudos seus, publicados anteriormente com maiores detalhes, como sejam:

A Obra Crítica de Araripe Júnior — Edição dirigida por ele e publicada pela Casa de Rui Barbosa, Rio, 1958.

Euclides, Capistrano e Araripe — Rio de Janeiro. MEC, 1959.

Afrânio Coutinho, agora, brinda as universidades brasileiras e a quantos se interessam pelos estudos sérios de Literatura, com uma pequena-grande obra, no campo exato da Teoria Literária. Refiro-me a seu estudo, modestamente titulado *Notas de Teoria Literária*, publicado, este ano, pela Civilização Brasileira.

É fruto, antes de tudo, de sua amadurecida vivência no trato com a matéria literária em contacto com suas salas de

aula. Aí coloca problemas sobre a especificidade do ensino da Teoria da Literatura, da natureza de Literatura e de sua metodologia, para entrar, com a segurança de quem há muito medita e reflete sobre obras literárias, no tratamento dos gêneros: épico, lírico, e dogmático, sem desprezar os gêneros ensaísticos e para concluir, como coroamento, sobre a natureza da Crítica Literária.

Parte de uma visão, extremamente lúcida, de que a Teoria Literária pode ser encarada como uma disciplina propedêutica dos estudos literários numa Faculdade de Letras ou como Filosofia da Literatura, que só seria compreendida como coroamento de um curso de graduação ou, melhor talvez, dentro de um curso de pós-graduação. E com essa linha-diretora traça uma reformulação, a título de sugestão, dos programas muito mal elaborados e sobretudo muito mal explorados com muita freqüência, em nossas universidades.

Mas, como dissemos, sua preocupação máxima são os dados fundamentais que os bons e exatos conhecimentos das obras literárias exigem e pressupõem. Aqui não cabem polêmicas ou maiores cotejos. Dá a toda matéria, como convém, um tratamento objetivo e, dentro das possibilidades materiais da extensão do livro, o mais completo possível, evocando todas as possibilidades de visões e ampliações. É uma atitude exemplarmente científica, dentro de sua formação de “scholar”.

Citar toda a produção literária de Afrânio Coutinho seria uma longa página que roubaria o tempo ao escritor e mestre consagrado, a quem estamos ávidos por ouvir. Basta dizer sucintamente que entre obras de sua autoria, desde *Daniel-Rops e a Ânsia do Sentido Novo da Existência*, publicada na Bahia, sua terra natal, em 1935, até estas suas *Notas de Teoria Literária*, em 1976, contamos 24 títulos e entre as edições publicadas, sob sua direção e com sua apresentação, podemos contar não menos de 11 títulos, versando autores de primeiríssimo plano, como: Araripe Júnior, Jorge de Lima, Machado de Assis, Afrânio Peixoto, Alceu Amoroso Lima, Euclides da Cunha, Vinicius de Moraes.